

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Inovação e ciência

em

linguística,

letras e

artes

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Inovação e ciência

em

*linguística,
letras e
artes*

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Inovação e ciência em linguística, letras e artes

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I58 Inovação e ciência em linguística, letras e artes /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0035-6
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.356220104>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em **INOVAÇÃO E CIÊNCIA EM LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES**, coletânea de dez capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área de Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas interações. Nelas estão debates que circundam língua de acolhimento, português brasileiro, literatura, espaço feminino e geografia urbana, biografia, espaço urbano, literaturas africanas de língua portuguesa, ensino médio, cinema na pandemia de COVID-19, além de análise sobre o espectro autista.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

LÍNGUA DE ACOLHIMENTO: DA ANÁLISE TERMINOLÓGICA À DEFINIÇÃO TERMINOGRÁFICA

Umberto Euzebio

Gabriel Dias Vidal Azevedo

Vânia Alves Beneveli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201041>

CAPÍTULO 2..... 15

PRESENÇA/AUSÊNCIA DE ARTIGO DIANTE DE NOMES PRÓPRIOS E DE PRONOMES POSSESSIVOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB)

Odete Pereira da Silva Menon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201042>

CAPÍTULO 3..... 27

LITERATURA EM REVISÃO: A PALAVRA DA CRÍTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Aretusa Pontes Nascimento

Danielle Castro da Silva

Lina Mendes Bezerra Machado Freitas

Luciana Rocha Cavalcante

Luiz Máximo Lima Costa

Viviane Lima Coimbra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201043>

CAPÍTULO 4..... 39

ESPAÇOS DO FEMININO E GEOGRAFIAS URBANAS NOS CONTOS DE ALICE MUNRO

Ana Maria Marques da Costa Pereira Lopes

Anabela Oliveira da Naia Sardo

Fátima Susana Mota Roboredo Amante

Susana Soares da Silva Rocha Relvas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201044>

CAPÍTULO 5..... 58

ESCRITAS DE MARIGHELLA: PACTOS BIOGRÁFICOS EM LIVROS E DOCUMENTÁRIO

Luiz Claudio Ferreira

Sidney Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201045>

CAPÍTULO 6..... 70

O BUGRE E A CIDADE: O ESPAÇO URBANO NA POESIA EM MANOEL DE BARROS

Mariana da Silva Santos

Renata Kelen da Rocha

Vilma da Silva Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201046>

CAPÍTULO 7..... 80

ESTUDO DA LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO NO ENSINO MÉDIO

Enmilany Duarte de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201047>

CAPÍTULO 8..... 92

O ENCONTRO ENTRE ESPECTADOR E REALIZADOR NOS FESTIVAIS DE CINEMA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Talita Caselato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201048>

CAPÍTULO 9..... 103

AVALIAÇÃO DA LITERATURA NACIONAL SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Carla Tavares Jordão

Flávia Luciana Costa

Zuleica Vieira Jordão

Elian Gomes

Rodrigo Aparecido Guimarães

Hingridi de Souza Bayer Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201049>

CAPÍTULO 10..... 106

A MULHER MARAVILHA E O OLHAR MULTIMODAL

Ana Paula Fenelon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35622010410>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 117

ÍNDICE REMISSIVO..... 118

CAPÍTULO 1

LÍNGUA DE ACOLHIMENTO: DA ANÁLISE TERMINOLÓGICA À DEFINIÇÃO TERMINOGRÁFICA

Data de aceite: 01/03/2022

Umberto Euzebio

Professor Doutor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional da Universidade de Brasília
<http://lattes.cnpq.br/3296133477339307>

Gabriel Dias Vidal Azevedo

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília
<http://lattes.cnpq.br/2558746263788854>

Vânia Alves Beneveli

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.
End. C
<http://lattes.cnpq.br/2018859023895420>

RESUMO: A língua de acolhimento surge em um contexto para atender pessoas em situação migratória. Sua definição é muitas vezes sobreposta a outras de acordo com a abordagem para isso julgamos necessário qualificar os campos semânticos a partir dos hipônimos que compõem. Para a composição do *corpus*, coletamos 50 ocorrências do termo língua de acolhimento em artigos disponibilizados no google acadêmico. O documento foi analisado e aplicado à ferramenta *wordlist*, do programa *Sketch Engine* com a submissão de todas as ocorrências. Para a discussão da natureza do termo utilizamos as definições da lexicologia, terminologia e da terminografia. Como conclusão propusemos o seguinte verbete para língua

de acolhimento: a abordagem sociopolítica de ensino de língua para pessoas em situação de refúgio e vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Língua não materna; refugiado; ensino de português; vulnerabilidade.

HOST LANGUAGE: FROM TERMINOLOGICAL ANALYSIS TO TERMINOGRAPHIC DEFINITION

ABSTRACT: The host language appears in a context to serve people in migratory situation. Its definition is often superimposed on others according to the approach, for this we consider it necessary to qualify the semantic Fields from the hyponyms they compose. For the composition of the corpus, we collected 50 occurrences of the term host language in articles available on academic google. The document was analyzed and Applied to the submission of all occurrences. For the discussion of the nature of the term we used the definitions of lexicology, terminology and terminography. As a conclusion, we proposed the following entry for host language: the sociopolitical approach to language teaching for people in refugee and vulnerable situations.

KEYWORDS: Non-native language; refugee; teaching portuguese; vulnerability.

INTRODUÇÃO

A língua de acolhimento surge em um contexto relativamente novo e está vinculada ao quadro migratório de populações especialmente a partir do final do século XX, que neste trabalho

está direcionado especificamente ao ensino da língua portuguesa.

A definição de língua de acolhimento apresenta variações de conceituação a depender do teórico que a aborda. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é o de organizar um *corpus* para, a partir da análise de campos semânticos de itens lexicais mais produtivos nas ocorrências de língua de acolhimento, entender a significação de língua de acolhimento para, posteriormente, elaborar uma ficha terminográfica que registre a designação de língua de acolhimento.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa tendo em vista que é necessário qualificar os campos semânticos a partir dos hipônimos que o compõem. Em razão de, ao fim, se apresentar o registro do verbete língua de acolhimento, a natureza desta pesquisa é aplicada com objetivos exploratórios e descritivos. Com isso, fazemos uma discussão teórica acerca da língua de acolhimento, evidenciando os pontos de vista de autores diferentes para a síntese do nosso entendimento. Em seguida, discutimos a natureza do termo por meio das definições da lexicologia, terminologia e da terminografia.

Após isso, evidenciamos os processos pelos quais passamos para a execução dos procedimentos de pesquisa bibliográfica aliada à pesquisa documental. Em seguida, seguimos para a análise dos campos semânticos e, posteriormente, para a definição de língua de acolhimento na ficha terminográfica proposta. Assim, conseguimos sintetizar diversos pontos de vista e submeter “língua de acolhimento” a diversas técnicas de pesquisa do sentido do termo bem como de registro.

CONJUNTURA E CIRCUNSTÂNCIAS DE USO DA LÍNGUA DE ACOLHIMENTO

A definição de língua de acolhimento não apresenta homogeneidade em todos os países, tudo vai depender do contexto histórico, social e político em que se insere, porém, todas elas apresentam como característica estar associada ao conceito de migração forçada.

Sua definição está diretamente ligada à situação de vulnerabilidade do indivíduo na sua condição de migração forçada em diversos contextos. Não há como desvincular essas duas acepções sem considerar que elas não provêm de atos voluntários que afetam diretamente o indivíduo adulto, porém sem desconsiderar a idade infantil, porém na maioria dos casos, sua migração está vinculada à dos pais ou parentes próximos.

Sob esse aspecto, Barbosa e São Bernardo (2017) ressaltam que o migrante enfrenta uma relação conflituosa e vulnerável, o que afeta o emocional e conseqüentemente o aprendizado da nova língua. Para as autoras, a condição do aprendiz nem sempre é espontânea, uma vez que pode haver rejeição à língua receptora já que aprender é uma necessidade e não necessariamente uma opção.

A língua de acolhimento também é definida como algo que está relacionado à sociedade de acolhimento com referência ao contexto migratório, geralmente de pessoas

em estado de precariedade social advindo de problemas políticos e/ou econômicos que demandam atendimento diferenciado para o aprendizado. (SOTO ARANDA; EL-MADKOURI, 2006)

Quanto à terminologia, aqui, língua de acolhimento está mais próxima ao significado de língua não materna, de alguém que acolhe sendo falante dessa outra língua, que é a oficial ou a dominante no país que recebeu esse aluno. Isso fica evidente quando a autora afirma que a finalidade da didática do português poderia ser a de contribuir com a prática intercultural. “Sendo suficientemente aberta, equacionaria a perspectiva da LM e da língua de acolhimento [...]” (ANÇÃ, 2003, p. 7) e, mais adiante “[...] de forma que o Português seja, de facto, um lugar de acolhimento, no sentido literal, tal como é descrito nos dicionários: [...]” (ANÇÃ, 2003, p. 7).

O conceito de língua de acolhimento, perpassa pela definição das demais categorias, uma vez que por suas peculiaridades não se enquadra em qualquer dessas categorizações. Ressaltamos não se tratar do aspecto de simplesmente se ensinar língua, mas de promover condições para enfrentar e vivenciar o conjunto de todos os aspectos que cercam o ambiente cotidiano em que o aprendiz está inserido.

No contexto português Grosso destaca também a heterogeneidade no grau de proficiência da língua portuguesa além da variação de conhecimentos da língua e cultura maternas além da relevante variação socioeconômica, fatores que irão refletir na aprendizagem da língua portuguesa. (GROSSO, 2010).

Como definição,

A língua de acolhimento ultrapassa a noção de língua estrangeira ou de língua segunda. Para o público-adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo. (GROSSO, 2010, p. 68)

Ainda no contexto português, quanto ao grau de instrução, nos chama a atenção para migrantes inicialmente das ex-colônias portuguesas da África com público com de pouca escolarização e posteriormente, a partir de 2003 Portugal recebe do leste europeu migrantes “[...] escolarizados, universitário e qualificado.” (ANÇÃ, 2003, p. 3) com uma geração escolar bem sucedida. O aumento da migração do leste europeu e da América latina evidencia a diversidade linguístico-cultural. Com isso aumentam os desafios para os professores e resistência à homogeneidade linguística e cultural. Com isso, em 2001, dá início à prática do português como língua de acolhimento com a mudança da legislação do Ministério da Educação em que “As escolas devem proporcionar actividades curriculares específicas para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não seja o português” (ANÇÃ, 2003, p. 4) Segundo Grosso a partir daí, Portugal se torna multilíngue e multicultural, país de acolhimento com diversidade linguística e cultural. Isso ocorre sobretudo com fluxo migratório proveniente inicialmente

de suas ex-colônias africanas estendendo-se posteriormente, principalmente a partir do ano 2000, com novo fluxo migratório a partir do leste europeu, sobretudo, ucranianos, romenos e moldávios. Portugal transforma-se com esse afluxo trazendo também uma série de restrições aos estrangeiros e, “[...] quem chega precisa agir linguisticamente de forma autônoma, num contexto não familiar. (GROSSO, 2010, p. 66)

Cria-se então em um programa para atendimento aos imigrantes, situação que transforma em uma política linguística que demanda formação de pessoal especializado para esta prática, essa medida “[...] se referia especificamente ao ensino da língua de acolhimento e que visava auxiliar a comunidade imigrante adulta não lusófona a ultrapassar o obstáculo da língua: O Programa Portugal Acolhe” (CABETE, 2010, p. 2).

Assim, formação do professor é fundamental para a condição do processo de compreensão da realidade do aluno e criar estratégias metodológicas para o ensino da língua portuguesa não materna. Quanto a esse aspecto, Ançã ao citar Dabène destaca a importância do acolhimento, no sentido de respeito à língua materna do aluno; da estruturação como forma de constituir a consciência metalinguística. Destaca ainda a função da legitimação e dignificação da língua materna para assegurar a construção da identidade. ANÇÃ, 2003)

De acordo com Grosso (2010, p. 69) “O direito ao ensino/aprendizagem da língua de acolhimento possibilitará o uso dos outros direitos, assim como o conhecimento do cumprimento dos deveres que assistem a qualquer cidadão.”

Ao remeter-se ao processo de integração do imigrante ao país receptor Grosso (2010) ressalta a importância do aprendizado da língua. O que nos chama a atenção é a apresentação de uma das definições de língua de acolhimento quando a autora diz que

[...] é fundamental o ensino-aprendizagem da língua de acolhimento, direito de todos os cidadãos, como acima foi referido, pois é ela que permite o acesso mais rápido à cidadania como um direito, assim como o conhecimento e a promoção do cumprimento dos deveres que assistem a qualquer cidadão. [...] O conhecimento sociocultural, a competência sociolinguística são importantes no desenvolvimento da competência comunicativa e servem como base de debate e de diálogo para uma cidadania plena e consciente, aspecto fundamental na língua de acolhimento. (GROSSO, 2010, p. 71)

Segundo Grosso (2010), sustentada em parte de premissas do Conselho da Europa, na língua de acolhimento se priorizam ações voltadas para conhecimentos socioculturais, profissionais, diálogos interculturais e partilha de saberes. Suas práticas devem abarcar situações problemáticas, significativas voltadas para o desenvolvimento de competências gerais e comunicativas e alteridade do aprendente. Para a autora, o conceito de língua de acolhimento está vinculado

[...] ao contexto migratório, mas que, sendo geralmente um público adulto, aprende o português não como língua veicular de outras disciplinas, mas por diferentes necessidades contextuais, ligadas muitas vezes à resolução de questões de sobrevivência urgentes, em que a língua de acolhimento tem de

ser o elo de interação afetivo (bidirecional) como primeira forma de integração (na imersão linguística) para uma plena cidadania democrática. GROSSO, 2010, p. 75)

Sendo assim, sua definição é mais ampla do que simplesmente a de língua estrangeira ou segunda língua já que envolve práticas pedagógicas específicas.

A prática da língua de acolhimento perpassa o fato de simplesmente acolher como enfatiza Grosso (2010, p. 71) para o fato de que “a língua de acolhimento tem um saber fazer que contribui para uma interação real, a vida cotidiana, as condições de vida, as convenções sociais e outras que só podem ser compreendidas numa relação bidirecional.” Para a autora, com a língua de acolhimento ocorre a interação entre o ensinante e o aprendente vão, além de questões do dia a dia, estabelecendo-se uma relação de confiança recíproca.

Para Amado (2013, p. 15) é necessário o “[...] ensino de português como língua de acolhimento para aqueles estrangeiros que chegam ao Brasil em situação de miséria moral e muitas vezes com pouquíssimos recursos financeiros.” “Enfim, todos esses fatores, linguísticos e extra-linguísticos, portanto, devem ser considerados no ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. (AMADO, 2013, p. 17)

Sendo assim podemos definir que a “língua de acolhimento é uma perspectiva discursiva que envolve concepções sociopolíticas por parte de quem acolhe, e direciona as práticas pedagógicas a fim de adequar-se às novas demandas da sociedade. (EUZEBIO; REBOUÇAS; SILVA, 2018, p. 83)

Com relação ao contexto brasileiro, somente a partir de 2010 com o fluxo de haitianos, esse conceito começa a ser usado e, mesmo assim, em situação muito específica, pois não se trata apenas de ensino de língua de acolhimento, mas do acolhimento para ensino de língua. Sendo assim, é necessário compreender que esse migrante não necessariamente optou pelo Brasil e muito menos pela Língua Portuguesa. Esse fato foi apenas uma consequência circunstancial que pode ter sido a única opção e mesmo assim, muitos continuam no processo migratório para outros países que ofereçam melhores oportunidades, sendo assim estar no Brasil é simplesmente um momento de passagem.

Outro fato importante no processo da língua de acolhimento é se tratar de um processo de ensino de língua para comunicação imediata, comunicação para a sobrevivência, para encontrar lugar no mercado de trabalho, para alugar um imóvel, para consulta médica, enfim para se comunicar para a sobrevivência. Assim, por meio da língua de acolhimento, o migrante é recebido com o propósito de ser acolhido, para isso se exige uma postura interdisciplinar e intercultural. A “língua de acolhimento não é simplesmente uma metodologia de ensino de língua, mas uma prática pedagógica que exigem mudanças no paradigma de ensino e na postura pedagógica, com a inclusão necessariamente de ação intercultural e interdisciplinar.” (EUZEBIO, 2021, p. 104169)

Adicional a esta condição, também se necessita de contato presencial e não on-

line, isto porque nem todo migrante tem as mesmas condições financeiras para seguir um curso com internet paga, além do que o processo – contato é de extrema importância para a socialização com outros refugiados e com a própria realidade do país mediada pelo professor. O conceito de língua de acolhimento surge da necessidade o imigrante se comunicar em língua portuguesa para se estabelecer no novo país assim, sua “[...] aprendizagem era essencial à melhoria da qualidade de vida e à integração dos migrantes na nova sociedade em que se pretendiam inserir.” (PEREIRA, 2017, p. 119)

Trabalhar com língua de acolhimento não significa trabalho voluntário, significa trabalho, preparação, conhecimento, envolvimento e prática pedagógica diferenciada e direcionada. Significa ainda postura interdisciplinar e intercultural, interdisciplinar, pois não é apenas ensinar a língua portuguesa, mas compreender o processo histórico, compreender a trajetória de cada um, compreender a dinâmica, compreender as relações entre os países, compreender de legislação interna e externa e sobretudo compreender o outro, a alteridade. Intercultural, pois não se trata de impor a cultura brasileira, mas de ensinar a língua portuguesa numa perspectiva da existência e de outra cultura, de uma cultura que tende a ser apagada pelo contexto migratório, uma cultura que por si só, na condição de refugiada a delega para o segundo ou terceiro plano. Ensinar a cultura brasileira nesse contexto significa compreender a existência do outro, a existência de outra cultura, de forma muito mais profunda do que simplesmente um aluno aprendiz da língua portuguesa.

LEXICOLOGIA, TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

A apreensão do que é o mundo e dos elementos que o compõem é conceituado pela linguagem. É nessa perspectiva que Biderman (2001, p. 12) assinala quando afirma que “o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade”. Antes de entendermos o funcionamento do uso da língua nos âmbitos de especialidades, é necessário compreender o funcionamento da língua no processamento da cognição e na apreensão da realidade.

Nesse sentido, Coseriu (1987) também assinala que, em princípio, vamos nos limitar à função léxica, que é a estruturação primária da experiência por meio das palavras. A mediação entre a cognição e a representação do mundo por meio da linguagem é livre e podemos associar essa mediação à criatividade dos seres humanos de criarem e de recriarem o universo. Esse entendimento ocorre a partir do que salienta Coseriu (1987) de que se pode admitir que as determinações semânticas representam uma heterogeneidade de uma comunidade de falantes.

Contemporaneamente, ainda se mantém o entendimento de que os elementos lexicais se referem à lexia. É importante, entender que a lexia é uma unidade lexical que “[...] pode ser tanto um lexema como uma locução” (POLGUÈRE, 2018, p. 67). O lexema, aqui, deve ser entendido como uma forma de palavra, como uma manifestação de palavra

que varia de acordo com as flexões que recebe e com o sentido que possui. Para Polguère (2018, p. 54), “o lexema é uma generalização do signo linguístico do tipo forma de palavra: cada lexema da língua é estruturado em torno de um sentido exprimível por um conjunto de formas de palavra que somente a flexão distingue”. Para o entendimento acerca do conceito de locução, abordaremos posteriormente quando trabalharmos com as regras de formação dos constructos das unidades terminológicas complexas.

Em primeiro plano, têm-se que as estruturas linguísticas refletem o processamento sensorial de um indivíduo, e, dessa forma, o léxico é um sistema aberto e amplo de itens lexicais que podem ser ressignificados de tempos em tempos. A lexia, que comporta o lexema, aqui será entendida por meio da caracterização da associação de um item lexical com seu sentido diacrônico, padrão, a um dos campos semânticos de que irá participar por extensão de sentido. Com as releituras de mundo, os sentidos que são reconceituados se utilizam de um sentido já definido e, a partir disso, passam a participar de novos campos semânticos porque passam, também, a se relacionar com outros itens lexicais.

Em contrapartida, a criatividade para modificar um termo, na sociedade, não é igual à criatividade para modificar um item lexical. Essa rigidez pode ser percebida por meio da salientação de Biderman (2001, p. 19) de que “Assim, a terminologia pressupõe uma teoria da referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente”. Coseriu (1987) também ratifica esse pensamento quando salienta que o significado de das terminologias são conhecidas à medida que se conhecem novas ciências, se criam novas técnicas ou se profissinaliza mais uma técnica.

Por isso, é interessante que assumamos que o termo, a unidade básica de análise da terminologia, é também uma lexia, conseqüentemente também um lexema. Com essa premissa, podemos interpretar que, por mais que o termo seja uma subparte do léxico, ele ainda se relaciona com outros elementos que não sejam termos. Dessa forma, também assumimos que um termo de unidade complexa como “língua de acolhimento” precisa ter o seu sentido, o seu conceito, muito bem elaborado e muito bem descrito.

Antes de se trabalhar com as técnicas de registro dos termos, é necessário que se estabeleçam técnicas de análise do sentido do próprio termo. Entendemos, então, que, se os lexemas são formas de palavras que se associam a um sentido, é preciso observar todos os sentidos de que participa o termo “língua de acolhimento”. O pensamento de Coseriu (1987) é o de que a significação está no plano de relação entre os significados dos signos linguísticos, enquanto que a designação representa o objeto ou a realidade a que ele se refere.

Neste trabalho, parte-se, então, da observação da significação do termo “língua de acolhimento” para a designação, o registro metalinguístico, a que se refere o termo. Para a terminologia, é imperativo, principalmente, o registro da realidade a que o termo se refere, uma vez que, ao se trabalhar com uma prática específica, é necessário que o significado não seja trocado com muita facilidade. Caso essa fácil troca venha a acontecer,

compromete-se o entendimento de uma prática e a realização dela.

Os campos semânticos, que representam os significados, são importantes mecanismos estruturais para designar as significações que um item lexical pode assumir, mas também importantes para a designação de um termo. Coseriu (1987) afirma, nesse sentido, que se pode dividir a análise em termos de significação. Essas são estruturais, porque são todos sentidos possíveis dos signos linguísticos, enquanto que a designação é concreta e inconstante porque, no discurso, assumem uma forma momentânea. Entretanto, para os termos, a designação não pode ser muito variável uma vez que uma prática de um domínio do saber não tem a característica de ser rapidamente trocada.

Podemos assumir, com isso, que esse <<hecho>> de discurso é a designação do sentido que um item lexical assume. Assim, para observar os sentidos que compõem os termos, é interessante que haja uma estruturação desses sentidos por meio de campos lexicais. Tendo isso em vista, assumimos o entendimento de Coseriu (1987) de que o campo lexical é uma estrutura paradigmática primária do léxico e que pode estabelecer um paradigma de lexemas estruturados.

Nesta pesquisa, não propomos a oposição entre itens lexicais, uma vez que se trata só de um termo. Entretanto, parece-nos bastante produtivo assumir que os campos semânticos de que o termo participa podem ser obtidos por meio do levantamento dos itens lexicais que mais ocorrem com o termo bem como pela divisão desses itens em um paradigma com a significação que perpassa cada componente dele.

Quando analisamos uma expressão ou uma palavra de uma determinada língua, pensamos - em princípio - na significação/na designação dessa palavra no uso, na *práxis* da comunicação como falantes de um idioma, ou seja, temos a semântica em evidência nesse plano. No entanto, cabe ressaltar que, para a lexicologia e - conseqüentemente - para a terminologia, a análise semântica de uma palavra ou de um termo torna-se fulcral para o pesquisador.

No entanto, é imprescindível que o pesquisador da linguística se atente - também - para a função e estruturação, principalmente, de um termo inserido em uma língua; visto que o termo - bem mais que um lexema comum - possui características específicas de construção e de possíveis variações posto a inserção ao discurso de especialidade que possui.

Diante disso, Faulstich (1995) afirma que uma unidade terminológica complexa é sustentada pela “aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática”. Com isso, o termo “língua de acolhimento” é uma construção terminológica complexa, cuja base ‘língua’ sustenta a predicação ‘de acolhimento’, formando um constructo que reopera o significado de novo conceito próprio da área de especialidade, no nosso caso, a Linguística, como fundo lexical, do termo “língua de acolhimento”.

Assim, para a designação da unidade terminológica complexa “língua de

acolhimento”, utilizaremos as definições de Faulstich (1995, p. 11) com adaptações sobre a composição de fichas de verbete. Dessa forma, a ficha terminográfica será composta de + entrada + categoria gramatical + gênero + definição + autor da ficha + data. Com essas informações, assim dispostas, propomos uma designação do termo “língua de acolhimento” a fim de uniformizar o conceito desse termo quanto à área de especialidade em questão.

METODOLOGIA

Para responder à pergunta de qual é a designação do termo “língua de acolhimento” e para registrar essa designação em fichas de verbete, utilizamo-nos dos procedimentos bibliográficos e documentais. Para responder às hipóteses desta pesquisa, observou-se a transição entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 43), a pesquisa bibliográfica é dividida em 8 etapas: “a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação.”.

Devido a composição do *corpus* desta pesquisa ter sido feita em ambiente online, entendemos que a localização, elemento espacial, deve ter alterada também a natureza do fichamento e também da nomenclatura. Assim, entendemos que os procedimentos da pesquisa bibliográfica são procedimentos também da pesquisa documental, alterando apenas o status do local de coleta do documento e do próprio documento. Para a composição do *corpus*, coletamos 50 ocorrências do termo língua de acolhimento em artigos disponibilizados no google acadêmico.

O tratamento do *corpus* se deu em deixar a ocorrência dentro de um período, um ponto final, por acharmos que esse período delimita bem a ideia a ser transmitida pelo conjunto de palavras. Após esse tratamento, submetemos o documento de todas as ocorrências ao programa *Sketch Engine* que possui a ferramenta *wordlist*, também utilizada por Sardinha 2004. Essa ferramenta lista os nomes e os verbos mais frequentes para que possam ser submetidos à divisão em campos semânticos. A discussão e o resultado ficam na próxima seção.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta seção, discutimos a formação dos campos semânticos dos verbos e dos nomes mais frequentes que ocorrem com língua de acolhimento. Essa análise terminológica é importante para a produção do verbete “língua de acolhimento” tendo em vista que se visa, por meio dessa técnica, podemos identificar os sentidos que o permeiam bem como os registrar adequadamente.

Com base nos dados explicitados, nota-se que os verbos mais frequentes, no Quadro 1, acerca do termo “língua de Acolhimento” tange aos campos lexicais, no Quadro 2, - em especial - de deslocamento, acolhimento, análise e ação. Infere-se de tal contexto

uma relação dialógica e receptiva entre os indivíduos no âmbito social e discursivo envolto no termo analisado.

Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	
1	ser	30	14	estar	4	27	denominar	2
2	ter	11	15	analisar	3	28	ministrar	2
3	partir	8	16	destinar	3	29	nortear	2
4	refugiar	7	17	contribuir	3	30	chamar	2
5	ir	6	18	referir	3	31	ofertar	2
6	viver	5	19	deslocar	3	32	participar	2
7	forçar	5	20	desenvolver	3	33	pensar	2
8	dever	5	21	integrar	3	34	discutir	2
9	poder	4	22	visar	3	35	envolver	2
10	considerar	4	23	voltar	3	36	precisar	2
11	refletir	4	24	produzir	2	37	propor	2
12	levar	4	25	entender	2	38	questionar	2
13	buscar	4	26	abordar	2	39	favorecer	2
						40	amparar	2
						41	fazer	2
						42	constituir	2
						43	vincular	2
						44	inspirar	1
						45	dar	1
						46	corresponder	1
						47	democratizar	1
						48	justificar	1
						49	auxiliar	1
						50	atuar	1

Quadro 1: verbos mais frequentes

Fonte: elaborado pelos autores

CAMPOS SEMÂNTICOS
DESLOCAMENTO
partir, destinar, refugiar, ir, deslocar, estar, voltar
ACOLHIMENTO
considerar, contribuir, integrar, entender, abordar, amparar, participar, envolver, corresponder
ANÁLISE
refletir, analisar, denominar, pensar, discutir, questionar, precisar, justificar, referir,
EDUCAÇÃO
nortear, ministrar, ofertar,
IDENTIDADE
ser
AÇÃO
chamar, fazer, constituir, vincular, inspirar, dar, atuar, dever, poder, forçar, viver, desenvolver, produzir
POSSE
ter
OBJETIVO
levar, buscar, visar, favorecer, auxiliar, democratizar

Quadro 2: verbos divididos em campos semânticos

Fonte: elaborado pelos autores

Ademais, nos nomes, quadro 3, pode-se observar bastante produtividade nos campos semânticos, no quadro 4, de acolhimento, de educação, de processo e de indivíduo. Observamos, dessa forma, um alinhamento dessa divisão em campos semânticos às

definições apresentadas pela maioria dos teóricos estudados. Implicações sociais, necessidade de aprender a língua para se adequar aos contextos em que se migra.

Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency
1 língua	85	14 brasil	7	27 forma	4	40 importância	3
2 acolhimento	55	15 aula	7	28 necessidade	4	41 exemplo	3
3 português	39	16 pesquisa	6	29 relação	4	42 área	3
4 ensino	36	17 sujeito	6	30 artigo	4	43 situação	3
5 plac	14	18 país	5	31 característica	3	44 refúgio	3
6 aprendizagem	10	19 construção	5	32 comunicação	3	45 proposta	3
7 contexto	10	20 conceito	5	33 indígena	3	46 abordagem	3
8 curso	9	21 projeto	5	34 pia	3	47 letras	3
9 processo	9	22 formação	5	35 experiência	3	48 meio	3
10 sociedade	9	23 professor	4	36 questão	3	49 prática	3
11 migrante	8	24 integração	4	37 relato	3	50 adulto	3
12 imigrante	7	25 cidadania	4	38 espaço	3		
13 trabalho	7	26 condição	4	39 migração	3		

Quadro 3 - nomes mais frequentes

Fonte: elaborado pelos autores

CAMPOS SEMÂNTICOS
LÍNGUA
Português, comunicação, letras
ACOLHIMENTO
Contexto, sociedade, Brasil, país, cidadania, condição, necessidade, relação, questão, espaço refúgio, situação, área
EDUCAÇÃO
Ensino, plac, aprendizagem, curso, aula, professor, artigo, pia, abordagem
PROCESSO
Processo, trabalho, pesquisa, construção, projeto, integração, formação, migração, prática
INDIVÍDUO
Migrante, imigrante, sujeito, indígena, adulto
MODO
Forma, característica, meio
EXPERIÊNCIA
Relato, exemplo
OFERTA
Proposta
NECESSIDADE
Importância

Quadro 4: nomes divididos em campos semânticos

Fonte: elaborado pelos autores

Como resultado dessa pesquisa foi possível organizar um *corpus* que serviu como instrumento de análise de campos semânticos de itens lexicais de acordo com as ocorrências de língua de acolhimento e, com isso podemos entender a significação de língua de acolhimento a partir do conhecimento dos registros de designação.

Os campos semânticos dos Quadros 2 e 4 foram elaborados com base nas ocorrências registradas nos Quadros 1 e 3, dessa forma, esses campos semânticos devem ser considerados para a redação da ficha terminográfica do verbete.

Por fim, com base na análise dos dados e dos campos semânticos referentes ao termo “língua de acolhimento”, no Quadro 5 apresentamos a proposição do seguinte verbete:

Entrada:	língua de acolhimento
Categoria gramatical:	substantivo
Gênero:	feminino
Definição:	Abordagem sociopolítica de ensino de língua para pessoas em situação de refúgio e vulnerabilidade.
Autor(es) da ficha:	EUZEBIO, U. ; AZEVEDO, G. ; BENEVELI, V.
Data:	6 de fevereiro de 2022

Quadro 5: verbete de língua de acolhimento

Fonte: elaborado pelos autores

CONCLUSÃO

Em nossa análise também buscamos considerar as informações sobre o contexto de uso de língua de acolhimento em Portugal e no Brasil de acordo com alguns teóricos.

Podemos aqui considerar que as análises terminológicas são importantes para a compreensão não apenas da significação, mas também para o entendimento da designação de um determinado termo. Em função de variações no uso de “língua de acolhimento”, foi necessário que se estabelecessem procedimentos para analisar o sentido adequado de um determinado termo.

Nossa a opção em trabalhar com lexicologia, terminologia e terminografia foi uma forma de contribuir para uma definição de língua de acolhimento de acordo com o contexto de uso, de ocorrências. Sendo assim, nossa definição é apresentada como “a abordagem sociopolítica de ensino de língua para pessoas em situação de refúgio e vulnerabilidade.” É uma definição metalinguística, uma vez que buscamos contemplar todos os campos semânticos e os hipônimos.

A partir de discussões e de análise do contexto, a opção por situação de refúgio ao invés de refugiado se justifica por acreditarmos que é uma condição do indivíduo em determinado contexto, que esperamos ser superada a partir de práticas sociais,

principalmente linguísticas que o levarão a melhor condição no seu futuro.

Por fim, a partir das técnicas de registro de termo, é possível elaborar um registro de verbete que possa definir com evidência a designação a que o termo faz referência. Com isso, pode-se ter uma padronização acerca do próprio uso deste termo em contexto de uso no ensino de português como língua de acolhimento às pessoas em situação de refúgio no Brasil.

REFERÊNCIAS

AMADO, Rosane de Sá. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. **Revista SIPLÉ**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 11-18, 2013.

ANÇÃ, Maria Helena. Português-língua de acolhimento: entre contornos e aproximações. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE HISTÓRIA E SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM ÁFRICA E TIMOR, 2003, [Lisboa] **Anais**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - FCSH, 2003, p. 1-12. Disponível em: <https://silo.tips/download/da-educaao-em-africa-e-timor-lisboa-universidade-nova-de-lisboa-fcsh-de-junho-20>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. Língua de acolhimento. In: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p. 434-437.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

CABETE. Marta Alexandra Calado Santos da Silva. **O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento**. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em língua e cultura portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4090/1/ulfl081236_tm.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

COSERIU, Eugenio. **Princípios de semântica estrutural**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1981. 242 p.

EUZEBIO, Umberto; REBOUÇAS, Eduardo Melo; LOPES, Lorena Poliana da Silva. Política Língua de acolhimento: demandas e perspectivas subjacentes ao conceito e à prática pedagógica do no contexto brasileiro. In: GUIMARÃES, Décio Nascimento; ANDRÉ, Bianka Pires (org.) **Educação e diversidade: diálogo intercultural**. Campos do Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 58-87.

EUZEBIO, Umberto. Português como língua de acolhimento: reflexões sobre a prática da oralidade em oficinas para imigrantes e refugiados não alfabetizados. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p. 104158-104172, nov. 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n11-167

FAULSTICH, Enilde. Leite de Jesus. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, 1995. DOI: 10.18225/ci.inf.v24i3.566.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes da Linguística Aplicada**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010. DOI: <https://doi.org/10.26512/rhla.v9i2.886>.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

POLGUÈRE, Alain. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais**. São Paulo: Contexto, 2018. 311 p.

PEREIRA, Giselda Fernanda. O português como língua de acolhimento e interação: a busca pela autonomia por pessoas em situação de refúgio no Brasil. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 17, n. 1, p. 118-134, 2017. DOI 10.5935/cadernosletras.v17n1p118-134

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Barueri - SP: Manole, 2004. 410 p.

SOTO ARANDA, Beatriz; El- MADKOURI, Mohamed. La adquisición de una L2 como lengua de acogida: hacia un modelo descriptivo de corte paragmático. **Educacion y Futuro**, Madrid, n. 14, p. 55-95, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 33, 90, 92

B

Biografia 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 75

C

Cidade 23, 39, 41, 45, 46, 49, 68, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 92, 95, 96

Ciência 13, 33, 34, 35, 36, 93, 95

Cinema 58, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 92, 93, 96, 98, 99, 100, 101

COVID-19 92, 93, 94, 95, 97, 102

Crítica 27, 29, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 60, 79, 82, 112, 117

E

Ensino médio 24, 80

Espaços do feminino 39, 42, 54

Espaço urbano 48, 53, 70

Espectro autista 103, 104, 105

G

Geografias urbanas 39, 42

I

Inovação 40

L

Letras 13, 14, 15, 27, 31, 37, 68, 78, 79, 80, 113, 117

Língua de acolhimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14

Linguística 1, 3, 4, 5, 8, 13, 20, 25, 26, 42, 80, 83, 84, 113, 115, 117

Literatura 27, 28, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 54, 56, 58, 60, 71, 79, 80, 83, 89, 90, 91, 103, 104, 105, 117

N

Nomes 9, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 20, 23, 25, 28, 41, 88

P

Pandemia 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102

Perspectiva histórica 27

Poesia 35, 36, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78

Português brasileiro 26

Pronomes possessivos 15, 16, 19

T

Terminográfica 1, 2, 9, 12

Terminológica 1, 8, 9

Inovação e ciência

em

*linguística,
letras e
artes*

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Inovação e ciência

em

linguística,

letras e

artes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br